

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ORDALHA MARIA RAMOS

**A FESTA DO CONGADO E A IGREJA NOSSA SENHORA DO
ROSÁRIO: PATRIMÔNIOS HISTÓRICOS DE UBERLÂNDIA**

UBERLÂNDIA, 27 DE JUNHO DE 2016

ORDALHA MARIA RAMOS

**A FESTA DO CONGADO E A IGREJA NOSSA SENHORA DO
ROSÁRIO: PATRIMÔNIOS HISTÓRICOS DE UBERLÂNDIA**

Monografia apresentada ao Curso de História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos para obtenção do título de Graduada em História, sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais.

UBERLÂNDIA, 27 DE JUNHO DE 2016

ORDALHA MARIA RAMOS

**A FESTA DO CONGADO E A IGREJA NOSSA SENHORA DO
ROSÁRIO: PATRIMÔNIOS HISTÓRICOS DE UBERLÂNDIA**

Monografia apresentada ao Curso de História do
Instituto de História da Universidade Federal de
Uberlândia, como parte dos requisitos para obtenção
do título de Graduada em História.

Uberlândia, 27 de junho de 2016

Banca Examinadora:

Professor Doutor Sérgio Paulo Morais (Orientador)

Professora Doutora Dilma Andrade de Paula

Professor Mestre Jeremias Brasileiro

Dedico este trabalho à minha mãe, Geralda
Maria da Silva, com admiração e respeito.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais, meu orientador, o meu muito obrigada pelo apoio. Suas sugestões na orientação foram essenciais para que eu conseguisse concluir este trabalho e o meu curso.

À Profª Drª Dilma Andrade de Paula, meu agradecimento pela disponibilidade em participar da banca de avaliação e pelas sugestões apresentadas.

Ao Prof. Mestre Jeremias Brasileiro, minha gratidão por todo o material generosamente cedido. Meu reconhecimento pelo seu trabalho com o tema da congada e da história do povo negro. Agradeço ainda sua disponibilidade para participar da banca de avaliação e pelas sugestões apresentadas.

À Profª Drª Maria Andréa Angelloti Carmo, agradeço as palavras e os gestos de incentivo que muito me ajudaram.

À Neli, minha eterna gratidão, pelo muito que fez por mim.

Aos meus filhos, Roberta e Gustavo, obrigada pelo incentivo.

Aos amigos, Cleude, Toni, Luzia e Maurício, minha gratidão por tudo.

Às técnicas-administrativas que trabalham no Curso de História, Cristina Cunha e Flávia Araújo, muito obrigada pelo apoio.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO p. 02

CAPÍTULO 1

Festa do Congado: patrimônio histórico imaterial municipal p. 07

CAPÍTULO II

Igreja de Nossa Senhora do Rosário: patrimônio histórico material p.14
municipal

CONSIDERAÇÕES FINAIS: p. 20

BIBLIOGRAFIA p. 22

ANEXOS

Anexo I: Apresentação da Festa do Congado como Patrimônio Histórico Municipal pela Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia p. 23

Anexo II: Primeira Ata da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, de 01 de novembro de 1916 p. 24

Anexo III: Apresentação da Igreja Nossa Senhora do Rosário como Patrimônio Histórico Municipal pela Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia p. 26

APRESENTAÇÃO

Meu primeiro contato com a Capela de Nossa Senhora do Rosário, em Uberlândia/MG, foi na década 60, quando eu, minha mãe e meus quatro irmãos chegamos na cidade vindos de uma fazenda do município de Canápolis/MG. Tudo era novidade e muito diferente do que eu tinha vivido. Na zona rural as relações eram mais próximas. A alegria, o choro, a compaixão pela dor outro, tudo era compartilhado. Diferentemente da população urbana que vive o individualismo.

Minha família era predominantemente católica e, como não havia Igreja na região onde morávamos, muitas vezes, a imagem de Nossa Senhora era levada de Monte Alegre para lá e ficava nove dias em cada casa em que aconteciam as novenas. Todos faziam seus pedidos particulares, mas também pedidos coletivos – por exemplo: que a colheita fosse produtiva, para garantir a alimentação da família e poder honrar seus compromissos financeiros.

Entretanto, como não era possível a presença da imagem da Santa em todos os momentos de devoção, os moradores também faziam suas preces ao pé da cruz, pois na fazenda havia uma cruz que simbolizava o catolicismo. Em época de muita seca, os meeiros preocupados com suas plantações faziam suas rezas juntamente com seu sacrifício, carregando água e pedra em suas cabeças. Acreditavam assim que seus pedidos seriam atendidos, em uma demonstração de uma fé inabalável. Mesmo que a colheita não fosse a esperada, a fé era mantida, e o que se ouvia era que se Deus quisesse o próximo ano seria melhor. A esperança era movida pela fé e a certeza de que, se fosse necessário, podia contar com os parentes. Na verdade, muitas vezes, não eram parentes de sangue, mas sim de consideração, em que o amigo ou compadre passava a fazer parte daquela família. Uma relação de confiança em que, se a pessoa adoecia, chegava a entregar seu filho aos cuidados de outra pessoa... época em que a honra e o respeito estavam acima de tudo.

Eu e minha família tivemos dificuldade para nos adaptar com a realidade da cidade. Uma conduta que era chocante para nós era as pessoas passarem umas pelas outras sem se cumprimentarem. Até então eu desconhecia o

preconceito social e racismo. Foi um choque, pois minha família é constituída de brancos e negros. Jamais a cor foi problema, mas as diferenças na cidade ficaram visíveis. Nos cinemas as salas eram separadas. Tinha a exigência do uso de terno e gravata, de modo a impedir a entrada do negro e do trabalhador, pois quais destes dois grupos tinham condições de ter um terno. A luta era pela sobrevivência.

Outro fato que gerou muita preocupação naquela época é que o Brasil estava em plena ditadura militar. Nós tínhamos noção de que algo estava acontecendo, mas o quê? As informações eram vagas, pois os meios de comunicação não chegavam até nós, não tínhamos acesso a jornais, o que tínhamos era um rádio, mas os radialistas eram extremamente vigiados, e aquele que se ariscava a fazer uma crítica era perseguido e sofria dura punição. Normalmente, aquele que conseguia fugir da perseguição procurava refúgio em fazendas, sempre com ajuda de amigos, para escapar dos "homens", como eram chamados pela população que havia perdido a liberdade.

Havia horário estabelecido para se estar nas ruas: 22 horas. Se passasse desse horário, a cavalaria chegava chicoteando quem estivesse nas ruas. Um verdadeiro terror para a população que, muitas vezes, estava voltando do trabalho e era repreendida pelos policiais por não ter obedecido ao horário imposto, pois a ordem era de obediência total ao toque de recolher.

Muitas famílias foram perseguidas por lutar contra a ditadura. Muitos tiveram que deixar o país, inclusive deixando filhos para trás, pois o momento era conturbado e não se sabia como seria a vida em outro país. Tudo era incerto naquele momento e até os dias atuais muitas famílias não sabem onde estão os restos mortais de seus filhos que foram mortos pela ditadura militar no Brasil.

É nesse contexto que eu e minha família chegamos a Uberlândia, aproximadamente no ano de 1961. Logo que chegamos minha mãe levou os filhos para conhecerem a Festa do Congado na Capela Nossa Senhora do Rosário. Naquele tempo, tive a sensação de acolhimento e aconchego em uma Igreja pequena, onde eu senti um encantamento, uma grande paz, talvez pela proximidade das grandes imagens dos Santos, que sempre foram presentes em minha vida, mas ficavam em lugares protegidos da casa, em um altar. As crianças não podiam nem entrar no cômodo onde ficavam as imagens dos santos,

emprestadas pelas igrejas durante a realização das novenas. As imagens grandes dos santos, os foguetes, os homens com seus chapéus nas mãos, as rezas, os arremates das prendas durante os leilões (cujas rendas alimentavam as igrejas), tudo isso serviu de contraste para a novidade que foi para mim a Festa do Congado na Capela Nossa Senhora do Rosário.

Apesar do meu encantamento com a Capela de Nossa Senhora do Rosário, minha participação em seus eventos foi quase nula, pois o medo pelo que estava acontecendo era maior que minha vontade. Minha mãe temia por nós e não permitia que os filhos saíssem de casa. E nós obedecíamos. Aliás, minha geração não teve direito a questionar pai, mãe ou irmão mais velho. Talvez pelo fato de minha mãe ter ficado viúva muito nova, com menos de 30 anos, tenha contribuído para essa educação tão rigorosa. Na década de 50, uma mulher ter que assumir 6 filhos, tendo que negociar o trabalho e a remuneração com o fazendeiro, pois ela trabalhava no sistema de meeira (um sistema em que o dono da terra entra com a terra, a semente; e o trabalho de preparar a terra e demais encargos era de responsabilidade do meeiro). Diante de todas as dificuldades que ela enfrentou, pois este papel era para o homem e não a mulher, ela foi em frente superando as dificuldades impostas pela vida.

Apesar de ter tido esta educação severa, avalio que ela estava certa, porque transmitir valores não é nada fácil. Eu tenho uma profunda admiração e respeito por tudo que me foi ensinado por essa grande mulher, que, apesar todas as suas dores, amou a vida como poucos.

Os anos passaram e vieram os filhos. Eu devo ter levados meus filhos uma ou duas vezes à Capela de Nossa Senhora do Rosário. Olhando a partir de hoje, avalio que ocorreu comigo uma forma de preconceito, em que não ir à Festa me protegia do preconceito alheio associado à Festa. Preconceito de que fui alvo e preconceito que também pratiquei, como as faces de uma mesma moeda. É como se eu me protegesse de não ser alvo de preconceito. Nesse sentido, é confuso para mim separar até onde vai o preconceito meu e dos outros e em que ponto começa a minha defesa de situações que poderiam me afetar negativamente.

A respeito de ser afetada negativamente, também estabeleço uma relação entre meu interesse pelo tema desta pesquisa e uma experiência que vivi durante aulas que eu tinha em finais de semana no Campus Santa Mônica.

Ocorreu, mais de uma vez, de haver aula no mesmo momento e próximo de ensaios de terno de congada. Da sala se ouviam os instrumentos e os cantos. Com frequência, colegas se referiam à situação de forma irônica e desrespeitosa, dizendo frases como: “Hoje a gente vai estudar se a África deixar”. “A negrada tá em ação”. “ Se o batuque da negrada deixar, a gente estuda hoje” O clima era de riso e deboche uma parte significativa de colegas. Tudo isso despertava em mim um sentimento de injustiça, algo que desrespeitava os congadeiros. Nesse momento, eu fui sentindo que sou negra, pois tais posturas doíam em mim, mais do que poderia suportar.

Além daquele encantamento do primeiro contato que tive com a Igreja Nossa Senhora do Rosário e com a festa do Congado, tenho certeza de que fui afetada por um presente atravessado pelo sentimento de injustiça e de não reconhecimento. Tudo isso é que, hoje, me fez querer conhecer um pouco mais desta Igreja Católica e sua parceria com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

A partir de meu ingresso, em 2010, no Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia/UFU, comecei a frequentar mais os espaços históricos e culturais da cidade. No final do ano, sempre ia assistir apresentações musicais promovidas pelo curso de Música da UFU, com a presença também de músicos de outros Estados, na Capela de Nossa Senhora do Rosário. E como a música tem o poder de encantar as pessoas, foi sendo levada pelo ambiente da Igreja simples, singela, e isso foi despertando em mim encantamento e admiração.

Sentimentos que se converteram em vontade de conhecer melhor a história dessa igreja, por meio da realização da presente monografia de conclusão do Curso de Graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia.

Para isso, optei pela pesquisa bibliográfica.

De acordo com Antônio Joaquim Severino (1993), a documentação bibliográfica constitui um acervo de informações sobre determinados assuntos que proporcionam rica informação para o estudo dos mesmos. Para Antônio Raimundo dos Santos, a pesquisa bibliográfica contribui para um novo olhar que pode servir de fundamento seja no sentido de pesquisar, conhecer ou mesmo para significar "pensamento novo" a respeito de "realidade velha." (2000: pag, 77)

A pesquisa em documentos se mostrou bastante pertinente para

ampliar meu conhecimento sobre o tema, inclusive contribuindo para uma nova visão e para a delimitação do assunto. A partir da primeira busca por documentos é que cheguei à opção por estudar os documentos oficiais que tratam do tombamento da Igreja e da Festa do Congado.

Procurei documentos no Centro de Documentação e Pesquisa em História/CDHIS da Universidade Federal de Uberlândia, Museu Municipal de Uberlândia, Arquivo Público do Município de Uberlândia, Casa da Cultura de Uberlândia, Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia, Catedral de Santa Terezinha de Uberlândia, Igreja Nossa Senhora do Rosário de Uberlândia. Os documentos estudados são: Apresentação da Igreja Nossa Senhora do Rosário como Patrimônio Cultural Municipal; Apresentação da Festa do Congado como Patrimônio Cultural Municipal; III) Dossiê de Tombamento.

O presente trabalho traz uma Apresentação, em que escrevo sobre meu primeiro contato com a Igreja Nossa Senhora do Rosário e a Festa do Congado, sobre a vinda de minha família para Uberlândia e as dificuldades encontradas está estruturado em quatro partes. Tem também as Considerações Finais. Além disso, contém dois capítulos.

No Capítulo I, Festa do Congado: patrimônio histórico imaterial municipal, resumo um documento da Prefeitura Municipal de Uberlândia que apresenta a Festa do Congado como Patrimônio Histórico Imaterial Municipal e analiso que o documento não apresenta informações importantes sobre os negros e nem sobre a Diocese de Uberlândia.

No Capítulo II, Igreja de Nossa Senhora do Rosário: patrimônio histórico material municipal, faço observações sobre os documentos que tratam do tombamento; um deles é publicado pela Prefeitura Municipal de Uberlândia e o outro é um documento cedido pelo Padre Baltazar Salum Passos, pároco da Igreja Nossa Senhora do Rosário na ocasião que comecei a pesquisa.

Quanto à bibliografia de apoio, para pensar o tema e os documentos, utilizo as pesquisas de Jeremias Brasileiro (2006) e Luiz Carlos do Carmo (2005). Como apoio fundamental para compreender meu processo de conhecimento em relação ao tema e à minha história, me apoio na noção de história vista de baixo, de SHARPE (1992), e na noção de cultura desenvolvida por THOMPSON (1998).

CAPÍTULO 1

FESTA DO CONGADO: PATRIMÔNIO HISTÓRICO IMATERIAL MUNICIPAL

No início deste estudo, eu supunha que havia uma parceria entre os congadeiros e a Igreja Nossa Senhora do Rosário. Nesse raciocínio, eu pensava que a Festa do Congado era um acontecimento da religião africana com o consentimento da igreja católica para apresentar no espaço da igreja a sua homenagem aos santos de devoção deles: Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Logo nas primeiras leituras, esse desconhecimento foi dando lugar a esclarecimentos ainda parciais sobre esse tema, pois trata-se de um assunto bastante complexo que envolve desde as normas da igreja quanto as normas do congado, seus procedimentos e objetivos, suas hierarquias, seus conflitos de interesse, suas disputas – entre outros tantos aspectos. Enfim, o conhecimento adquirido na curta duração desta pesquisa representa para mim uma nova visão sobre a igreja e o congado, em que a realidade explorada tem tal amplitude que exige desdobramentos de maior extensão.

A Festa do Congado Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito é um Patrimônio Imaterial Municipal, registrado sob Decreto número 11.321, de 29 de agosto de 2008. A publicação oficial da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de Uberlândia (acessível na página de internet, por meio do link Patrimônio Cultural/Bens Tombados e Registrados)¹ traz uma apresentação sobre a referida festa, informando os seguintes aspectos: os preparativos; período de início em agosto e término no segundo final de semana de outubro: os leilões; os terços nas casas dos devotos mediante visita dos ternos; o ensaio para a trança das fitas pelos ternos de marinheiro; a organização dos ternos no dia da festa. Ainda sobre a preparação da festa, o documento informa que a renda dos leilões é destinada a cobrir despesas com a realização do evento e que, no dia da festa, logo pela manhã, o início é anunciado por salva de foguetes,

¹ Disponível em <http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/secretaria-pagina/23/430/secretaria.html>. Acesso em 15 de maio de 2016. Cópia do documento segue como Anexo 1.

quando os grupos que vão se apresentar saem de seus quartéis localizados em 25 diferentes pontos da cidade. Ainda no horário da manhã, a partir do endereço da casa do presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário (Rua Prata), os grupos descem na Av. Floriano Peixoto até a Praça Rui Barbosa.

O documento detalha também que os grupos se apresentam aos expectadores que esperam nas calçadas da Avenida Floriano Peixoto e na praça Dr. Duarte, com capricho da coreografia na porta da Igreja Nossa Senhora do Rosário, inclusive levantando os mastros com as bandeiras dos santos e trançando as fitas. O documento explica que, no período da tarde, os grupos retornam à Igreja para a procissão que percorre algumas ruas do centro da cidade com a coroação, na igreja, dos reis e rainhas da Festa do próximo ano; na segunda-feira, durante o dia, os ternos fazem visitas recíprocas a residências de devotos, e, à noite, iniciam o desfile de despedida na porta da Igreja. O documento conclui declarando que “Esta celebração, por seu valor cultural e histórico, foi registrada no Livro das Celebrações como Patrimônio Cultural e Histórico de Uberlândia”.

Nesse documento, chamou minha atenção o fato de não haver citação a respeito da responsabilidade do poder público, da igreja e da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário pela realização da festa. Por ser uma festa centenária, a maior da cidade no sentido da movimentação, espera-se que fosse dada mais atenção e explicação sobre sua história. Essa ausência poderia ser entendida como reflexo do descaso da Prefeitura para com a Festa e também da falta de visão de que um documento oficial da prefeitura deveria reconhecer os diferentes esforços que foram feitos para manter essa tradição no decorrer de cento e quarenta anos.

O documento não informa sobre as origens da festa e nem sobre o tempo de sua existência em Uberlândia, não diz nem os nomes dos 25 ternos de congado que a constituem e realizam. Também não informa sobre a exibição que ocorre na pequena Praça Rui Barbosa, localizada no centro de Uberlândia, no entroncamento das atuais ruas Bernardo Guimarães, Goiás, Pedro Bernardo, Rodolfo Correa, Silviano Brandão e Floriano Peixoto. Essa exibição é aberta a toda a cidade, que é convidada a participar de dois dias (domingo e segunda-feira) de homenagens a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito, santos que desde os tempos da escravidão foram considerados protetores dos negros na luta pela liberdade e pela dignidade. Ao chegarem à porta de entrada da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, os ternos dão o máximo de si, como uma espécie de

apoteose. Tudo que foi ensaiado é colocado naquele momento que dura pouco (entre 10 a 15 minutos), pois são 25 ternos que também farão sua apresentação. Eles capricham nos cantos, na coreografia, na execução dos instrumentos, na evolução dos componentes do terno. É nesse momento há a elevação dos dois mastros contendo as imagens de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Em dado momento, ocorre a passagem das coroas de rei e rainha, indicando as pessoas que serão as festeiras do próximo ano.

Ao mesmo tempo em que é um ato de fé e devoção aos santos, a festa em si tem um significado importante como um ato cultural. Cultural porque, conforme Thompson (1998):

(...) não podemos esquecer que 'cultura' é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão dos costumes de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho (p. 22).

No meu entender a festa da congada é cultural porque representa todo um modo de vida. Esses costumes que vão passando de geração a geração, como acontece nos ternos de congado, em que crianças ainda de colo ou na barriga da mãe já participam da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Os congadeiros usam de sua cultura para homenagear seus santos de devoção e para resistir. Resistência secular e parte da história do negro brasileiro. Ainda de acordo com Thompson (1998):

Mas uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa - por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante - assume a forma de um 'sistema'. E na verdade o próprio termo 'cultura', com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto (p.17).

A resistência social e histórica se dá pela ocupação do espaço físico a princípio dominado pela elite da cidade. Já na indicação do lugar em que seria

construída a igreja, há luta dos negros pelo direito de ocupar um espaço da cidade e de continuar ocupando esse espaço ao longo do tempo, mantendo uma conquista de mais de um século.

Também não traz dados sobre sua importância para a cidade, para a história do negro, da diocese, de Uberlândia e região, e nem informa suas origens, seus objetivos, quantidade e características dos participantes (no passado ou no presente). A Diocese Uberlândia, a paróquia, a Secretaria Municipal de Cultura ou outro órgão do poder público e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário não são citados em suas atribuições e relações.

O primeiro registro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário é uma ata de primeiro de novembro de 1916², transcrevo a seguir:

“Irmandade da Nossa Senhora do Rosário de Uberabinha
 Ao primeiro dia de Novembro de 1916, na Capela de Nossas Senhora do Rosario, presentes 25 irmãos fundadores Deus-e a leitura do compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Uberabinha aprovado por provisão deocezana [diocesana] de doze de julho do corrente ano e de conformidade com quanto se acha nelle determinado procedeu-se por aclamação a eleição da mesa administrativa que deverá reiger a mesma irmandade durante o seu primeiro anno compromissal.
 Foram aclamados Mordomo - Firmino José Martins Negro; Primeiro assistente - Amaro Antonio Bernarde; Segundo assistente - Manoel Francisco do Nascimento; Thezoureiro - Theophilo Francisco do Nascimento; Procurador - Jorge Francisco Rodrigues; Secretário - Edmundo Bernardes; Zelador - Gaspar da Silva Machado.
 Acto continho, feice [fez-se] entrega ao Thezoureiro eleito Theophilo Francisco do Nascimento para ficar entregue a sua [legível a letra “g” de uma palavra e mais outra] quantia de cento e cencent e sete mil e cem reis - Reis – 167,100 – que sobrou na ocasião da Festividade da Senhora do Rosario celebrada no primeiro Domingo de outubro do corrente anno.
 E eu, Edmundo Bernandes, secretario.
 Firmino José Martins Negro. Mordomo.
 Edmundo José Bernardes. Secretario
 Theophilo Francisco do Nascimento. Thizoureiro
 José Caetano da Rocha.
 João Nune da Silva.
 Onofre da Costa Azevedo
 João da Costa Azevedo.
 Elias Francisco do Nascimento

Estive presente o Vig. [Nome incompreensível. Esta linha toda foi escrita por caligrafia diferente daquela que escreveu a ata].”

² Imagens fotocopiadas do documento seguem como Anexo 2.

O pesquisador Luiz Carlos do Carmo, em estudo que abrange – entre outros aspectos - as mudanças que foram acontecendo na relação entre a igreja, o poder público e os congadeiros, situa o papel da Irmandade na orientação da atuação dos ternos de congado:

Na cidade de Uberlândia a Irmandade dos Homens de Cor de Nossa Senhora do Rosário é uma instituição como as suas congêneres nas cidades vizinhas. Dotada, como as demais, de uma estruturação pautada na transmissão hereditária de sua atuação junto aos ternos e integrantes das atuais celebrações, no passado fora marcada por uma outra forma de atuação e inserção local para além da concessão de cartas de credenciamento dos ternos para que participem da distribuição de subvenções municipais. (2005: p. 30).

Em fundamental estudo sobre o congado em Uberlândia (de 1955 a 2011), Jeremias Brasileiro também faz uma importante análise da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito de Uberlândia, sendo “uma instituição religiosa e cultural constituída sob os auspícios do bispado de Uberaba no ano de 1916” (2012: p.84). Brasileiro esclarece o importante termo “compromisso” que aparece na ata de primeiro de novembro, que foi aprovado e tinha como

(...) propósitos a glorificação da Virgem Maria, bem como a santificação das almas, devendo inteira sujeição à autoridade diocesana, não podendo alterar os compromissos estatutários assumidos sem a devida aquiescência de seus superiores. Entre os compromissos destaca-se o da administração dos irmãos que, a todo ano por ocasião da festa de Nossa Senhora do Rosário e independente da presença do pároco local, deveria reunir-se em assembleia geral para eleger por escrutínio ou aclamação o Mordomo, no sentido de exercer a administração temporal da Irmandade cuja presidência duraria por um ano e poderia ser reeleita.

O pesquisador consegue evidenciar nesta parte de sua pesquisa que a relação entre a Irmandade Nossa Senhora do Rosário, organizadora e promotora da Festa do Congado, se estabelece de forma conflituosa. Brasileiro assim explica a reação da Diocese frente ao que a Irmandade decidiu:

Surge, porém, na revisão do compromisso a interferência eclesial de modo a não permitir uma possível autonomia dos Irmãos do Rosário, reformulando dois itens principais que tratam da possibilidade de se constituir bens patrimoniais e da extinção quando a autoridade diocesana o desejasse. Assim,

determinada que devesse constar nas disposições permanentes a obrigatoriedade de 'prestar contas à autoridade diocesana anualmente e todas as vezes que for convidada' e ainda que 'não assumirá e nem exercerá a personalidade jurídica sem pura expressa autorização da autoridade diocesana'. (2012: p. 85)

Com base no documento que apresenta a Festa do Congado como patrimônio cultural imaterial de Uberlândia entendo que os congadeiros tiveram suas ações na construção da Festa do Congado esquecida. Já os estudos dos historiadores Luiz Carlos do Carmo e Jeremias Brasileiro trazem a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário para o centro da Festa, inclusive apontando para os conflitos existentes com a igreja.

Nesse sentido, entendo que a relação dos congadeiros com a igreja se dá por meio de estratégias dos congadeiros para não ficar totalmente submisso ao poder da igreja e nem ao poder público. Sem dúvida, não podemos esquecer que a elite da cidade teve papel predominante na história da edificação da igreja. Nomes como Arlindo Teixeira e Cícero Macedo aparecem em vários documentos para confirmar essa influência da elite econômica, social e política. E é triste perceber que nesses mesmos documentos não aparecem os nomes dos negros, dos congadeiros, das pessoas do povo que também fizeram a história da Igreja Nossa Senhora do Rosário e a que fundaram a tradição da congada em Uberlândia, que completa 140 anos em 2016.

Embora ainda continue havendo preconceito, aquele mesmo que me afastou por décadas dessa manifestação de meu povo negro, hoje é possível perceber que a presença dos congadeiros em Uberlândia, dos tambores, das danças, das cores, continua chamando a atenção, trazendo mais encantamento (como o que senti no passado) e menos medo. A alegria contagiante, o brilho nos olhos das crianças, o som dos tambores, as cores das fitas, tudo isso ganha vida com a música contagiante da festa.

As lacunas percebidas no documento de apresentação da Igreja Nossa Senhora do Rosário, disponibilizado pelo site da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia, pelo link Bens Tombados, fazem perceber que é necessário continuar escrevendo a história do negro na cidade e no Brasil a partir de uma perspectiva que revele as contribuições do negro na luta. Nesse sentido e para concluir este capítulo, cito Jim Sharpe (1992):

Aqueles que escreveram a história vista de baixo não apenas proporcionaram um campo de trabalho que nos permite conhecer mais sobre o passado: também tornaram claro que existe muito mais, que grande parte de seus segredos, que poderia ser conhecido, ainda estão encobertos por evidências inexploradas. (...) A história vista de baixo ajuda a convencer aqueles de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum lugar. (pág. 62).

O historiador tem a oportunidade de reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter perdido ou que nem tinha conhecimento de sua história: é o que acontece comigo. Eu tenho uma história e estou convencida de que o lugar de onde vim é também o lugar de onde vieram os congadeiros.

Na condição de estudante de História, exercito agora escrever uma história vista a partir desse lugar de quem desconhecia a própria história, mas que entende que esse desconhecimento não é gratuito, que ele é revelador de situações de dificuldade em relação a minha própria condição de negra; de negação de minha origem; de dificuldade de assumir a história de meu povo como sendo a minha história. Talvez esteja aí nesse conjunto de fatores algo encoberto que este trabalho de final de curso trouxe a oportunidade de explorar.

Eu venho de um lugar que já não é tão desconhecido.

CAPÍTULO II

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO: PATRIMÔNIO HISTÓRICO MUNICIPAL

Para a finalidade deste capítulo, que é fazer uma reflexão sobre a Igreja Nossa Senhora do Rosário como patrimônio histórico de Uberlândia, examino a primeira e a segunda partes do documento denominado “Dossiê de Tombamento e Laudo de Estado de Conservação – Prefeitura Municipal de Uberlândia”.

A primeira parte, intitulada Histórico do Município, fornece elementos para conhecermos melhor a segunda parte, denominada Histórico do Bem. Ou seja, para melhor conhecer a história da Igreja Nossa Senhora do Rosário é relevante destacar aspectos da história de Uberlândia.

O Dossiê apresenta informações sobre as origens e desenvolvimento de Uberlândia, foi produzido em data próxima a 2008 (não consta a página de catalogação do documento) e contém 142 páginas. É um documento produzido em parceria da Prefeitura com a instituição Paginar Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo para promover ações para a preservação do seu patrimônio, como parte de uma “política de patrimônio cultural clara e acessível às comunidades”, que pretende “zelar por sua (de Uberlândia) memória e herança cultural” (Sem data, p.3).

De saída, o documento assume “a importância da Capela de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito para o município e sua comunidade” (p. 3) e é constituído das seguintes partes: histórico do município, histórico do bem, descrição detalhada do bem, documentação fotográfica, IPAC, laudo técnico do estado atual de conservação do bem, documentos para viabilizar seu tombamento municipal.

Na primeira parte, o documento situa Uberlândia como sendo a maior cidade do Triângulo Mineiro e a segunda do interior do Brasil (tomando como base o IBGE/2008), esclarecendo que a cidade faz fronteira com Prata, Indianópolis, Uberaba, Veríssimo, e destaca a sua formação como parte do processo de ocupação e colonização do país, sobretudo às bandeiras de exploração que partiam de São Paulo em direção ao interior.

Um dado interessante destacado pelo documento é a origem do nome Sertão da Farinha Podre para denominar a região do Triângulo Mineiro, nome atribuído pelo bandeirante Anhanguera. Em relação à ocupação da região, informa que para aqui vieram não somente famílias de origem portuguesa, mas também aventureiros.

Mais adiante, já em relação à antiga São Pedro de Uberabinha (nome antigo de Uberlândia), o documento destaca:

Desde o século XIX era possível perceber a vocação comercial que, mais tarde seria tão marcante na história do município. As reações iniciais resumiam-se à compra e venda de artigos de primeira necessidade, mas a criação de armazém numa área denominada Largo do Comércio já indicava a importância da atividade. (...) São Pedro de Uberabinha se especializou na atividade comercial por estar em um local estratégico entre produtores e consumidores. (...) Através do decreto nº 51, de 07 de junho de 1888, Uberabinha foi elevada à categoria de Vila e 31 de agosto do mesmo ano passou a Município pela lei 4643 (Sem data: p. 12).

O documento cita os nomes dos onze vereadores que compuseram a primeira Câmara Municipal, em 07 de março de 1892 – entre eles, Arlindo Teixeira (que tem relação direta com o tema em questão).

Em relação ao desenvolvimento de Uberabinha, o dossiê destaca os fatores que favoreceram o desenvolvimento da cidade entre o final do século XIX e começo do século XX: instalação de matadouro, de escola secundária, de estação telegráfica; circulação de jornal impresso (A Reforma); inauguração da estrada de ferro Mogiana; iluminação pública por lampião a querosene e, depois, por energia elétrica.

O documento resgata também um importante momento da cidade, quando se problematizou o diminutivo contido no nome:

Nas décadas de 1910 e 1920 começou a se formar o caráter identitário do município e a imagem do antigo arraial subordinado a Uberaba começava a ser substituído. Surge, então, em rodas de conversa realizadas na Livraria Kosmos, ponto de encontro dos intelectuais da cidade, a idéia de se trocar o nome do município. O proprietário da Livraria Kosmos, Sr. Zacarias Alves de Melo, lançou um questionário para seus clientes com o objetivo de se criar um novo nome para Uberabinha.

O argumento era que a cidade que se lançava no futuro com as ondas do progresso não poderia ser uma pequena Uberaba, tinha que ter um nome próprio. João de Deus Faria sugeriu Uberlândia, que significa terra fértil. (p. 16)

A efetivação da troca de nome ocorre quase vinte anos depois, em 1929. Segundo se pode perceber do dossiê, a cidade já tinha um bom ritmo de desenvolvimento e assim continuou com a mudança de nome, destacando-se os seguintes fatores: introdução de gado nelore e gira trazidos da Índia; expansão da rede rodoviária na região; instalação de transporte público intermunicipal.

A outra parte do Dossiê que destaco, denominada Histórico do Bem Cultural, apresenta a Igreja Nossa Senhora do Rosário como sendo a construção religiosa mais antiga da cidade, destacando que sua “arquitetura chama a atenção pela beleza e características que remontam aos anos 1930” (Sem data: p. 31) e que ali, “anualmente, a cidade celebra a Festa do Congado, que reúne centenas de membros da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens de Cor” (Sem data: p. 31).

Sobre a edificação da igreja, o documento cita as pessoas que estiveram envolvidas na construção da primeira igreja na Praça Dr. Duarte, por volta de 1876 - Padre João da Cruz Dantas Barbosa - e na construção, por volta de 1891 - o influente Arlindo Teixeira - e reforma da segunda edificação, no período entre 1928 e 1931, o também influente Cícero Macedo.

Em relação à Festa do Congado, apenas diz:

Para compreender a importância que a Capela de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito tem para a cidade de Uberlândia, é necessário citar as festividades do Congado, pois é nessa capela que acontece, além das missas dominicais e da celebração dos sacramentos, a festa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. (p. 38)

Esses aspectos destacados do Dossiê de Tombamento da Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito são importantes para se compreender que o Município de Uberlândia foi constituído por pessoas que vieram em busca de terras e, desde o início, na perspectiva de desenvolvimento. Em função de sua posição geográfica, foi possível estabelecer um comércio movimentado na região

com expectativa de progresso.

Ao analisar tais aspectos do Triângulo Mineiro e Uberlândia abordados pelo Dossiê, noto que o negro não é mencionado, como se ele não contasse ou não existisse. Naquele momento, o negro era muito presente, pois sua condição era de escravo ou ex-escravo.

Um outro documento importante para se pensar a Igreja de Nossa Senhora do Rosário como Patrimônio Histórico Municipal de Uberlândia/MG, pela Lei nº 4.263, de 09 de dezembro de 1985, é uma publicação oficial disponibilizada na página de internet da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de Uberlândia (acessível a partir do item Patrimônio Cultural/Bens Tombados e Registrados)³. Ali a igreja é apresentada como representativa da cultura afrodescendente e uma referência para a cultura local.

Patrimônio histórico é um bem municipal, estadual ou federal que pode ser tombado por leis que reconhecem o seu valor cultural. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão que tem a função de cuidar e proteger o patrimônio histórico seja um bem municipal, estadual ou federal. Trata-se de órgão de grande importância para a sociedade local, regional ou federal, pois trata do tombamento de um bem que representa a identidade de um povo que com essa ação tem seu Patrimônio Histórico protegido. Entretanto, algumas questões são colocadas ao proprietário para que este tombamento histórico aconteça. Ele não perderá seu bem, mas qualquer atitude em relação ao bem tombado é importante comunicar ao órgão responsável, pois este bem não pode perder suas características originais, porque são elas que protegem a história de um povo.

No caso, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Uberlândia, foi tombada como Patrimônio Histórico Material por abrigar a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, que ocorre anualmente, em um fim de semana entre os meses de outubro e novembro, e também por ser reconhecida como o prédio religioso mais antigo no espaço urbano da cidade. O decreto lei nº 25 de 30 de novembro de 1937 estabelece que constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis

³ Disponível em <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/secretaria-pagina/23/415/secretaria.html>>. Acesso em 15 maio 2016. Anexo 3.

da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural por reconhecer a existência de bens culturais imateriais através do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional. Foi criado o decreto 3551, de 04 de agosto de 2000, que instituiu o registro de bens culturais de natureza imaterial, criou o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial e considerou o Inventário Nacional de Referências Culturais. Os bens materiais que podem ser tombados são móveis, cidades históricas, bens individuais ou imóveis.

É com base nessa lei federal que a Igreja Nossa Senhora do Rosário foi tombada como bem histórico material e é apresentada no site da prefeitura.

Segundo informa essa publicação da Prefeitura de Uberlândia, a primeira proposta de edificação de um templo em homenagem a Nossa Senhora do Rosário foi pensada em 1876, para ser executada na atual Praça Doutor Duarte. No entanto, em 1891, Arlindo Teixeira, membro da Comissão Procuradora da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, propôs que a construção ocorresse na atual Praça Rui Barbosa. Ainda conforme o referido documento, tratava-se de uma construção modesta, com estrutura de madeira e tijolos de adobe, com a frente voltada para o ribeirão São Pedro (hoje Av. Rondon Pacheco). Em 1928, por iniciativa de Cícero Macedo, foi formada uma comissão encarregada da construção de uma nova Capela mais condizente com a época, o que foi iniciado em 1928. A inauguração da nova edificação ocorreu em maio de 1931- também conforme informa a página da Prefeitura de Uberlândia dedicada a apresentar a igreja.

Essas informações permitem conhecer um pouco da Igreja Nossa Senhora do Rosário. É possível perceber que, para sua construção, houve participação de Arlindo Teixeira e Cícero Macedo, ambos representantes da elite política e econômica da cidade. O documento não faz referência à participação de padres e nem dos negros nos dois processos de construção da Igreja (1891 e o período entre 1928 a 1931).

Essa ausência de registro da participação de representantes da igreja e dos negros em um documento público, que traz a visão institucional da Prefeitura de Uberlândia, permite indagar, do ponto de vista histórico, sobre quais seriam os papéis desses dois grupos no que diz respeito às origens da Igreja Nossa Senhora

do Rosário. É intrigante pensar nos motivos pelos quais a elite representou um papel central na edificação da igreja, o que justificaria sua presença destacada no documento da Prefeitura.

No Dossiê de Tombamento os feitos registrados dizem respeito à elite que comandava a sociedade. A população negra e seus feitos não aparecem nesses registros sobre o Tombamento da Igreja Nossa Senhora do Rosário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Na condição de estudante de História, exercitei uma análise a partir do lugar de quem desconhece muito da própria história, mas que entende que esse desconhecimento não é gratuito. Ele é revelador de uma negação em relação a minha própria condição de negra; de negação de minha origem; de dificuldade de assumir a história de meu povo como sendo minha também. Talvez esteja aí nesse conjunto de fatores algo encoberto que este trabalho de final de curso traz a oportunidade de explorar.

Posso dizer que tentei olhar para minha pesquisa sobre a parceria entre a Igreja Nossa Senhora do Rosário e o Congado com os olhos de quem é do povo. Por concordar com Sharpe:

(...) A importância da história vista de baixo é mais profunda do que apenas propiciar aos historiadores uma oportunidade para mostrar que eles podem ser imaginativos e inovadores. Ela proporciona também um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido, ou que nem tinham conhecimento da existência de sua história. (1992: p. 59)

O significado de um patrimônio histórico é a garantia das gerações futuras como era a cidade, a fazenda, como eram as relações na época dos seus antepassados, assim as novas gerações terão uma ideia de como viviam as gerações anteriores a elas e se há ou não há influências. De alguma forma as influências são repassadas não na sua totalidade, mas sim algumas características das gerações anteriores – por exemplo: artesanato e alimentação - que muitas vezes contribui para atrair o turismo para a região e gerar renda. Então, através do patrimônio, o povo poderá entender sua história.

Eu estou hoje em um lugar diferente de onde eu estava antes. Procurei conhecer dois patrimônios culturais de minha cidade. Um deles, patrimônio material. O outro é um patrimônio imaterial.

Quando comecei a ler os documentos, eu tinha uma opinião equivocada sobre o assunto. Explico que na verdade me faltou ouvido para atender o chamado dos tambores. A escolha por este tema de trabalho certamente trata, de uma certa forma, de uma reparação pela minha não presença junto ao meu povo, pois me sinto devedora para com ele. Ao tomar conhecimento do trabalho deles vejo o quanto é difícil, mas a luta continua pois ela faz parte do

nosso dia a dia.

Mesmo nos documentos oficiais, divulgados pelo poder público, que apresentam os dois patrimônios, podemos observar falhas porque adotei a história vista de baixo como perspectiva para o meu olhar.

Falar sobre a Igreja Nossa Senhora do Rosário, da Festa do Congado e da parceria entre a igreja e os congadeiros, no início desse processo, se tornou um grande desafio para mim porque faltam documentos consistentes sobre a Igreja; há uma dificuldade de acesso ao pouco material registrado e organizado que a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário possui. É preciso muito tempo para dialogar com as autoridades da Irmandade – talvez por eu ser uma pessoa estranha ao ambiente deles. A própria Diocese de Uberlândia parece que abriu mão de preservar e guardar os documentos, transferindo tudo o que tinha (conforme informação prestada por Luciano Antônio Habdala – Administrador da Catedral de Santa Terezinha) para a Secretaria Municipal de Cultura.

A resposta que tenho pode parecer insuficiente, mas é o que os documentos consultados permitem dizer: o tempo decorrido desde o início da parceria entre a Igreja Nossa do Rosário e o Congado, com realização de festas anuais em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, gera a percepção de que a parceria deu certo. A leitura dos documentos não permitiu identificar a parceria formalizada. Nada há escrito nesses documentos que permita conhecer os termos da relação entre a Igreja Nossa Senhora do Rosário e o Congado. No entanto, a relação entre essas partes existe.

Quanto à Igreja e à Festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, entendidas como Patrimônios Históricos, percebo que apesar de os documentos serem uma oficialização deles como importantes para a população, tanto no aspecto religioso quanto cultural, nota-se ausências de informações fundamentais para o conhecimento da história lutas dos congadeiros, de seu valor. Eles não são evidenciados, é como se eles não fizessem parte da relação entre a Igreja e a Festa, portanto, como se não fossem parte de um patrimônio.

BIBLIOGRAFIA

BRASILEIRO, Jeremias. Congado em Uberlândia: espaço de resistência e identidade cultural. 2006. 74 páginas. Monografia. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de História. Programa de Pós-Graduação em História. Uberlândia.

CARMO, Luiz Carlos do C.. Salve o rosário, o rosário salve: sentidos e modos de viver das populações negras no Brasil Central. 2005. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: In: BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p. 133- 162.

PEZZUTI, Pedro. Município de Uberabinha: história, administração, finanças, economia. Oficinas Typographicas da Livraria Kosmos. Uberabinha, 1922.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p. 39 – 62.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 19ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia Científica a construção do conhecimento**. 3ª edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2000.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. **Tradições culturais da cidade**.

Congado de Uberlândia. Disponível em

<<http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/secretaria-pagina/23/118/secretaria.html>>. Acesso em 10 de maio de 2016.

THOMPSON, E. P.. Introdução. In: **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 13 a 24.

ANEXO I

A Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito de Uberlândia

Registrada como Patrimônio Imaterial Municipal pelo Decreto nº 11.321 de 29/08/2008. Registrado no Livro das Celebrações, Inscrição I, pág. 03.

A Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito de Uberlândia começa em meados do mês de agosto, quando são iniciadas as campanhas e ensaios para a realização da Festa. Nesta ocasião, até o início do mês de outubro, os Ternos de Congado visitam devotos, rezam terços e fazem leilões em vários locais da cidade. Os grupos de Marinheiros realizam ensaios de trançar fitas durante o dia, possibilitando uma perfeita sincronia nos momentos de apresentações durante a Festa.

Os novenários acontecem, no início do mês de outubro. Os ternos de Congado se encontram na Igreja do Rosário participando das novenas e dos leilões, cujos recursos arrecadados são para ajudar a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito na preparação da Festa. No segundo domingo de outubro, a Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito tem seu início às 6h com salvas de foguetes, anunciando que os tambores estão chegando. Os grupos de Congado saem de seus quartéis, localizados em vinte e cinco pontos diferentes da cidade.

Os desfiles dos grupos ocorrem no segundo domingo de outubro, na parte da manhã, a partir da Rua Prata, da casa do Presidente da Irmandade, descendo pela avenida Floriano Peixoto até o seu início, quando ocupam a Praça Rui Barbosa e todo o largo e entorno da Igreja do Rosário.

Cada grupo se apresenta para o público presente. Há o levantamento dos mastros de Nossa Senhora e São Benedito e a realização do trança-fitas dos Marinheiros. No período da tarde, os grupos retornam à Igreja do Rosário a partir das 15h levando Reis e Rainhas, festeiros de Nossa Senhora do Rosário de diversas partes da cidade. Com a chegada dos grupos à Igreja, tem-se a procissão que percorre as ruas do centro da cidade e retornam à Igreja do Rosário para a Coroação dos Reis e Rainhas do ano seguinte, a coroação de Nossa Senhora do Rosário e o retorno dos grupos de Congados para seus respectivos quartéis.

Na segunda feira, durante o dia, há visitas recíprocas entre Ternos e a residências de devotos. No período da noite iniciam seus desfiles de despedidas diante da Igreja do Rosário. Esta celebração por seu valor cultural e histórico foi registrada no Livro das Celebrações como patrimônio cultural e histórico de Uberlândia.

ANEXO II

Jornada de do Senhor do Rosário
de Uberabinha.

Do primeiro dia de Novembro de 1916,
na capela de Nossa Senhora do Rosário
presentes 25 irmãos fundadores
fueza leitura do Estatuto promissão
da Jannancia de Nossa Senhora
do Rosário de Uberabinha, aprovado
por propositão de serana de doze
de Julho do corrente anno e
de conformidade com quanto se
acha nelhe determinado
proceder-se por a clamação
a eleição de mesa administra-
tiva que deverá reger a mes-
ma Jannancia durante o seu primeiro
anno com promissão.

Foram a clamados Mordom -

Firmino José Martins Negro; pri-
meiro assistente - Amaro Antonio
Piemarceli; segundo assistente -
Manoel Francisco do Nascimento;
Thesoureiro - Theophilo Francisco do
Nascimento; Procurador - Jorge Fran-
cisco Rodrigues; Secretário - Edmundo
Bernardes; Juladores - Gaspar da
Silva Machado.
Acto continuo Feize - entrega
ao Thesoureiro eleito Theophilo Fran-
cisco do Nascimento: para ficar entregue

ANEXO III

Igreja Nossa Senhora do Rosário

Praça Rui Barbosa – Centro

Tombada como Patrimônio Histórico Municipal pela Lei nº 4.263 de 09/12/1985. Registrado no Livro do Tombo Histórico, Inscrição V, pág. 07.

A Igreja do Rosário se constitui referência para a cultura local não só porque abriga a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito mas, também, por ser o prédio religioso mais antigo no espaço urbano de Uberlândia.

A primeira edificação de uma Igreja do Rosário na cidade foi pensada em 1876, para ser executada na atual Praça Doutor Duarte, por isto o lugar ficou conhecido na época como Largo do Rosário. Em 1891, o Sr. Arlindo Teixeira, membro da Comissão Procuradora da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, propôs uma mudança de endereço para a construção da Capela. Desta forma, ela foi iniciada em 1893 em um terreno vago que atualmente se denomina Praça Rui Barbosa que, naquela época, eram lotes que estavam afastados do centro urbano.

Era uma construção modesta, com estrutura autônoma de madeira e fechamento em tijolos de adobe, frontispício voltado para o antigo ribeirão São Pedro. Contava com três portas, sendo uma central mais larga e, duas laterais, além das janelas com balaústre de madeira recortadas no nível do coro.

Nos anos seguintes, o centro urbano cresceu geograficamente, e as imediações da Igreja do Rosário tornou-se um lugar no qual as famílias tradicionais começaram a edificar suas residências. Existia um descontentamento da população com aquela construção que era considerada acanhada. Desta forma, por iniciativa de Cícero Macedo, formou-se uma comissão encarregada da construção de uma nova Capela que fosse “mais condizente com a época”. A comissão conseguiu recursos da população local e viabilizaram entre os anos de 1928-1931 a construção da nova Capela que foi inaugurada em maio de 1931.

Anualmente é celebrada a Festa do Congado, que reúne centenas de membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Nesses dias, as imagens de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário são preparadas em seus andores para que possam abençoar a festa. Essa festa é uma das mais representativas da cultura afrodescendente de Uberlândia.

Disponível em <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/secretaria-pagina/23/415/secretaria.html>>. Acesso em 02 maio 2016.